

# **Jornal O Cidadão: Um jornal Comunitário na era da globalização**

**André Luis Esteves Pinto  
Universidade Federal do Rio de Janeiro**

## **Resumo:**

Estudo sobre a perspectiva de ação comunitária como alternativa viável de projeto social na era da globalização. O trabalho tem por base a análise da atuação social do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) no espaço sócio-geográfico de um conjunto de comunidades de baixa renda situado num subúrbio da cidade do Rio de Janeiro: o Bairro Maré. Através do estudo da ação do CEASM na Maré - uma organização não-governamental criada e gerida por moradores - tenta-se delinear um nova forma de ação social em áreas como educação, cultura e resgate da história local. Dedicar-se destaque especial para a análise do jornal de Bairro O Cidadão, um veículo comunitário coordenado pelo CEASM. A partir do estudo de O Cidadão busca-se fazer uma reflexão sobre a importância de um novo modelo de trabalho no campo da Comunicação Social: o jornalismo comunitário.

## **Globalização - Comunicação Comunitária - Cidadania**

O início do século XXI tem a marca da falência de diversas correntes de pensamento criadas pelo homem para entender e justificar sua aventura na Terra. Anthony Giddens, professor de Sociologia da Universidade de Cambridge, aponta em seu texto *Admirável mundo novo: o novo contexto da política*<sup>1</sup> que o mundo do final do século XX não resultou naquilo que pensadores do iluminismo previam e acreditavam. A equação iluminista: quanto maior o acervo de conhecimento científico da humanidade, maior poder em controlar as realidades sociais e materiais que regem a vida humana parece não servir na nova ordem mundial gerada pela globalização.

É a era do dinheiro imaterial especulativo que nas frações de segundos dos impulsos digitais se desloca - na escala dos bilhões de dólares - entre bolsas de valores de Nova Iorque, Tóquio ou São Paulo, ameaçando blocos econômicos inteiros com o risco de colapsos

relâmpagos. É também a era da instabilidade das culturas e tradições dos povos do globo, postas em contato pelas tecnologias da comunicação e mantidas sob a mira constante da varinha de condão das forças do Mercado - que tudo transforma em padrões de consumo. E quando o assunto é política mundial, o que não faltam são pontos de interrogação. É uma afirmação que fica clara ao observar a busca da Esquerda por um eixo ideológico estável desde o colapso dos países socialistas nas décadas de 80 e 90. E mesmo ao perceber a crescente angústia das forças hegemônicas da Direita com as tendências cada vez mais auto-destrutivas do capitalismo.

Dados de estudos realizados por organismos internacionais ajudam a justificar a preocupação. Segundo pesquisa do Banco Mundial (Bird), existem 1,5 bilhões de pessoas vivendo com menos de 1 dólar no planeta. A previsão para 2015 é de 1,9 bilhões de pessoas nessas condições. De 4,4 bilhões de pessoas vivendo em países em desenvolvimentos, cerca de 60% não tem acesso a condições básicas de saneamento, um terço não sabe o que é água limpa, 25% não têm moradia adequada e 25% estão sem acesso a serviços médicos. O Banco Mundial aponta também um estoque de poupança global na ordem de 13,7 trilhões no ano 2000. No entanto, apenas 25% desse montante fica nos países em desenvolvimento.<sup>2</sup>

O Brasil ocupa papel de destaque nessa macabra dança estatística. Em outro relatório do Bird, concluído em 1996, o país aparece como primeiro em desigualdade social e de renda em todo o mundo. Segundo dados do mesmo relatório, 51% de toda a renda do país está concentrada nas mãos de apenas 10% da população. No outro extremo da balança social, os 20% mais pobres ficam com 2,1% da renda nacional. O resultado dessa desigualdade é a existência 25 milhões de miseráveis com 16 anos ou mais - 24% da população nessa faixa etária.<sup>3</sup> São os excluídos do próximo século, prováveis focos de conflitos sociais.

São números que projetam sombras para o futuro e preocupam os Governos para uma futura crise de governabilidade mundial. Afinal, o que fazer com a crescente turba de desempregados globais formada pelos excluídos da formação educacional e pelos não adaptados à nova ordem tecnológica do mercado de trabalho globalizado. Os efeitos da desigualdade econômica e social gerada por um processo desequilibrado de globalização já pode ser sentido de forma concreta no dia-a-dia das cidades grandes. É o aumento da violência civil em todas as partes do globo.

Nos últimos 10 anos, estudiosos de ciências sociais do mundo todo têm se debruçado sobre a questão. É interessante perceber que as atenções de muitos pensadores e pesquisadores

em busca de respostas e alternativas convergem para a palavra comunidade. Na opinião de Ladislau Dowbor, em seu texto *Da globalização ao poder local*<sup>4</sup>, com o fragilização e redução do Estado-mínimo neo-liberal ocorre hoje uma nova hierarquia de espaços. Dowbor visualiza como fenômeno atual, a gradual recomposição dos espaços comunitários, permitindo novas formas de inserção do indivíduo no processo de reprodução social. A intervenção do cidadão sobre a transformação social ressurgiu então sob nova roupagem. Não mais através do eixo político-partidário ou sindical-trabalhista. Mas na organização da comunidade como espaço de ação política e poder vinculados às potencialidades e referências locais.<sup>5</sup>

Apesar de ainda controverso, essa nova perspectiva real de atuação social na esfera comunitária permite o vislumbre de um novo projeto político alicerçado justamente em princípios esvaziados pela globalização: vinculação identitária, solidariedade, cidadania, valorização da prática do cotidiano. Em seu texto *Comunidade Gerativa*<sup>6</sup>, Raquel Paiva utiliza o termo para designar um conjunto de ações norteadas pelo propósito do bem comum passíveis de serem executadas por um grupo de cidadãos. Na verdade trata-se de um projeto ousado, envolvendo a atuação efetiva da comunidade em áreas complexas como educação e comunicação.

E é dentro desse conjunto de perspectivas que é apresentado como projeto viável de ação comunitária o trabalho desenvolvido pelo Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) num conjunto de 16 comunidades de baixa renda situado na periferia da cidade do Rio de Janeiro: o bairro Maré, conhecido hoje na cidade como um dos lugares mais violentos do Rio. Esse rótulo se deve aos constantes conflitos entre grupos rivais que controlam o tráfico de drogas nas contíguas comunidades do bairro e ao alarde com que geralmente a mídia trata a questão.

De acordo com informações do Censo Maré 2000, o número de habitantes da Maré se aproxima de 130 mil moradores. No campo cultural, o bairro não conta com centros culturais, teatros e cinemas. A população do bairro é formada em sua maioria por pessoas de origem nordestina ou negra, de baixa renda familiar, com baixo nível de escolaridade. Em grande parte, são integrantes do mercado de trabalho informal. Pode-se afirmar que a região é pouco aparelhada de equipamentos urbanos pelo poder público e privado.<sup>7</sup> A exemplo do que acontece em outras comunidades pobres, são justamente os signos negativos que respondem pela imagem da Maré na sociedade: é o lugar violento, o favelado, o bandido, o pobrezinho, a vítima social.

Levando em conta que essa forma estereotipada de ver a Maré é partilhada pela sociedade e poder público, é possível prever que a maioria dos projetos sociais desenvolvidos no bairro por

instituições externas - governo, empresas privadas ou organizações não-governamentais - são marcados pelo desconhecimento das verdadeiras necessidades locais. São projetos, em geral, desconectados aos interesses reais dos moradores, das características específicas do cotidiano local, das estratégias já desenvolvidas na própria comunidade para superar os problemas existentes. Por isso, as tentativas de ação local vindas de fora, não raro, redundam em fracasso.

E é partir do reconhecimento da falência da política social do governo neo-liberal - incapaz de gerar melhorias efetivas na vida da população do bairro em campos vitais como Educação e Cultura - que surge o CEASM. A entidade é fruto da iniciativa de um grupo de moradores que cresceram em algumas das comunidades da Maré, pessoas já com experiência de participação em diversos projetos que materializaram transformações positivas na vida das comunidades do bairro. São homens e mulheres conhecedores e inseridos no imaginário e cotidiano da população local, em sua maioria, representantes de um reduzido grupo de moradores que conseguiram furar o cerco da exclusão social e chegar às universidades.

Pode-se afirmar que o grande trunfo do CEASM em seu trabalho nas Maré é a percepção ampla das dinâmicas de exclusão vivenciadas no dia-a-dia do morador, o conhecimento de como as forças globalizantes atuam na fragilização das redes sociais locais que formam e regem a vida no bairro: a família, entidades esportivas, grupos culturais e religiosos.

É dentro da proposta de uma intervenção efetiva nessas diferentes redes de pertencimento formadas pelo cotidiano dos moradores que se enraíza a proposta do CEASM. Principalmente, em relação ao jovem, por sua vulnerabilidade diante das violências sociais existentes no Rio de Janeiro. Dessa forma, fica mais fácil visualizar os contornos que delimitam a ação da entidade no espaço social da Maré, uma ação integrada de diferentes e complexas áreas de atuação. São as redes do CEASM.

Hoje, o CEASM ocupa um prédio de 3 andares no Morro do Timbau, uma das comunidades do bairro. Na sede, existem 4 salas para 80 alunos equipadas com televisão e vídeo. Em 3 anos de funcionamento, o CPV-Maré já conseguiu aprovar cerca de 150 jovens do bairro para as universidades - públicas, em sua quase totalidade. Com o ingresso dos jovens moradores na universidade, a entidade trabalha na formação de um pólo de estudo pesquisa acadêmica na região: é o Observatório Social da Maré. O projeto de criação de núcleo para desenvolvimento de pesquisas na região vai ser potencializado pelos dados obtidos pelo Censo Maré, o primeiro

Censo comunitário do Brasil, que foi coordenado pelo CEASM e teve o apoio de instituições como o IPEA, BNDES e a prefeitura do Rio.

O CPV-Maré integra a Rede de Educação do CEASM, que é formada por outros projetos, como as turmas de ensino fundamental e ensino médio organizadas em parceria com a prefeitura e o CEN, uma entidade educacional de Niterói. Somente 2 escolas no bairro oferecem turmas de ensino médio, o que não atende à demanda dos moradores. Outro projeto da Rede são as turmas de preparatório para o ensino médio técnico, que servem de estágio e apoio para os universitários da Maré, que ministram aulas como monitores.

Também fazem parte da Rede de Educação, iniciativas como uma biblioteca para estudantes do bairro e um projeto em parceria com a Petrobrás, que desenvolve atividades culturais com 400 crianças de escolas públicas na Maré. Outro trabalho da Rede de é o Núcleo de Línguas Estrangeiras, um convênio com a faculdade de letras da UFRJ. Cerca de 200 alunos se dividem em turmas de Inglês e Espanhol. O curso de línguas evidencia uma outra característica do projeto político do CEASM: apesar da proposta de atuação local, a entidade não está desconectada com as tendências da sociedade e do mercado de trabalho do mundo globalizado.

Essa constatação é corroborada por outro campo de atividades desenvolvido pelo CEASM: a Rede de Informática. Na entidade é possível fazer cursos práticos de informática que abrangem desde o nível introdutório até programas avançados e específicos. A Rede tem hoje cerca de 180 alunos.

É interessante observar que o caminho trilhado pelo CEASM em seu trabalho social em prol da conquista de níveis mais plenos de cidadania na Maré passa pela inserção do morador nas tendências sociais da globalização. É a luta pelo rompimento da lógica excludente capitalista que tem mesmo dificuldade de imaginar a figura do *favelado* falando inglês e espanhol, fazendo doutorado em universidades ou manuseando tecnologias como a internet e modernos programas de informática. Pode-se dizer que, em essência, a ação política do CEASM opera dentro de uma perspectiva dialógica entre poder local e sociedade global. É um fato que fica explícito na gama de parceiros da entidade: governo federal e municipal, empresas públicas e privadas, instituições de pesquisa e universidades.

Dentro da perspectiva do CEASM de intervenção no espaço geográfico e social da Maré, surge como necessidade intrínseca do trabalho o resgate da cultura local e o estudo dos fóruns de intercâmbio cultural com a sociedade. Esse é o objetivo da Rede Memória. A rede foi idealizada

como instrumento de registro e resgate das práticas cotidianas desenvolvidas pelos moradores da Maré e que concorrem para a formação da identidade do morador local. O trabalho da Rede de Memória se estrutura em diferentes níveis.

Num primeiro momento, está previsto a coleta e processamento das informações e dados sobre a vida do morador em diversas linguagens: fotos, fitas de vídeo, documentos escritos e registros da história oral dos moradores - principalmente os mais antigos, arquivos vivos da memória dos primeiros passos da construção da comunidade. Num outro estágio do trabalho, Rede Memória pretende a difundir o acervo para a comunidade na forma de produção de cartilhas, exposição de fotos e veiculação na mídia. Os trabalhos da rede já estão em andamento. Já foi realizado pela rede um seminário discutindo a lógica de ocupação social da região e trabalha-se na produção de um CD-Rom com a história da Maré.

Às portas do século XXI, em plena era da informação, seria no mínimo incongruente pensar o projeto político do CEASM sem uma intervenção efetiva no campo midiático comunitário. Assim, a Rede de Comunicação desponta naturalmente como poderoso instrumento da entidade na sua proposta de criar uma hegemonia do poder local no bairro Maré. Com esse objetivo em mente, o CEASM vem mobilizando esforços na criação de uma ampla rede de comunicação local capaz de gerar um fluxo de informação educativo e integrador que auxilie os moradores no processo de conquista da cidadania e redescoberta da identidade local. Nesse aspecto, a elaboração de um projeto de comunicação comunitária torna-se fundamental. Principalmente, ao se levar em conta que a imagem da Maré criada e divulgada pela grande mídia é geralmente associada a fatores negativos, como a violência.

Dentro dessa perspectiva de ação do CEASM no campo comunicacional na Maré, pode-se vislumbrar algumas definições de comunicação comunitária, mesmo que seja através do mosaico de características com que esse tipo de produção midiática é geralmente associado. Em seu livro *Espirito Comum*, Raquel Paiva indica que frequentemente esse modelo de comunicação "começa quando os grupos de mais baixo status deixam de fazer esforços para se comunicarem através da hierarquia das elites intermediárias ou dos meios públicos ordinários e estabelecem seu próprio sistema de comunicação horizontal"<sup>8</sup>.

Esse tipo de abordagem sobre mídia comunitária aproxima sua definição como um instrumento de atuação política e social de uma determinada coletividade, seja ela um grupo de trabalhadores de uma fábrica, o conjunto de moradores de um espaço territorial delimitado ou

mesmo pessoas vinculadas à laços culturais e religiosos. Através desse tipo de comunicação, a produção da informação surge num processo de partilha de todo o grupo, que se vê representado e co-autor do processo comunicativo.

Diferente da grande mídia - onde a informação é tratada como bem de consumo não-durável - numa perspectiva de comunicação comunitária, a informação ressurge transmutada em elemento educativo, aglutinador das identidades, prestador de serviço. Em seu livro, Raquel Paiva afirma ainda que "o que permite conceituar um veículo comunitário(...) é a sua proposta social, seu objetivo claro de mobilização vinculado ao exercício da cidadania"<sup>9</sup>.

Outra característica da comunicação comunitária é que, por abordar temas locais ou específicos, desperta o interesse do público pela informação, uma vez que conteúdo e personagens envolvidos tem relação mais direta com as pessoas. As notícias não tem um tom de espetáculo como na mídia convencional, mas é algo do qual o público participa reconhecendo nas informações dados do seu próprio cotidiano. Dessa forma, realiza-se um processo de construção das identidades e de cultivo dos valores históricos e culturais.<sup>10</sup>

É comum fazer confusão entre um veículo comunitário e empreendimentos no campo da comunicação que buscam nichos de mercado local. Um jornal de bairro, por exemplo, que é feito por poucas pessoas, visando o público de determinada comunidade e tendo por objetivo o lucro, pouco tem de comunitário. Como afirma Raquel Paiva, em *O Espírito Comum*:

*O que nesse caso funcionaria como diferenciador é a vinculação que a comunidade possui com o veículo. Vinculação, comprometimento e inserção total na gestão do sistema adotado: quanto mais estreita for a relação entre o veículo e os propósitos e objetivos duma comunidade, mais seus membros vão estar envolvidos em sua produção, e proporcionalmente maiores serão a representatividade e reconhecimento como veículo comunitário.*<sup>11</sup>

E é assim que a idéia de uma Rede de Comunicação no CEASM integra a ampla proposta de construção de um sistema de comunicação comunitária, que englobe diferentes formas de linguagem. A TV Maré e a Rádio Maré Cidadã FM são projetos em fase de implantação. No entanto, um dos projetos da Rede de Comunicação do CEASM já se tornou realidade: o jornal do Bairro Maré *O Cidadão*. O jornal surgiu em junho de 1999 diante da percepção da fragilidade de atuação do Ceasm no campo da comunicação e na ausência de um jornal local para a Maré. No início, o trabalho era voluntário e a equipe era constituída por uma mescla de profissionais e alunos do pré-vestibular sem experiência alguma em jornalismo.

O Cidadão tem hoje uma periodicidade mensal com tiragem de 10 mil exemplares em tamanho tablóide, que são entregues de forma gratuita nas comunidades do bairro. O espírito da proposta é trabalhar no campo da comunicação comunitária e no plano da capacitação de pessoas da Maré para fazer o jornal e desenvolver outros trabalhos jornalísticos. A equipe de repórteres e fotógrafos de O Cidadão é atualmente formada basicamente por jovens estudantes da Maré. O objetivo é, dentro do possível, construir uma maior profissionalização do trabalho, tanto administrativo como jornalístico.

Uma das primeiras coisas que chama atenção de quem vê O Cidadão é a qualidade do projeto gráfico. Com cores na capa e nas páginas centrais, fotos e textos redigidos sem erros de português, o jornal parece mesmo feito por alguma empresa de comunicação. Mas a boa apresentação de O Cidadão não é por acaso. Faz parte de uma política de padrão de qualidade do CEASM, que atua em dois campos: de um lado, busca romper a lógica cristalizada no imaginário social de que produção feita em comunidade carente é coisa de favelado, de qualidade ruim e sem apuro técnico. De outro, trabalha a auto-estima do morador que tem acesso a uma produção local de alta qualidade.

Como projeto de comunicação popular em um espaço cultural complexo como a Maré, o jornal O Cidadão já nasce com difíceis missões: integrar as 16 comunidades que formam o bairro, resgatar elementos dispersos da prática cotidiana dos moradores e que respondem pela sua própria identidade, transformar seus leitores em agentes ativos e participantes da dinâmica comunicativa criada pelo jornal. É na busca por se cumprir essas propostas que se delinea o conteúdo de O Cidadão.

A matéria principal é o eixo-central de cada edição. O assunto em foco é sempre um tema pertinente a todas as comunidades, permitindo a abordagem do bairro como uma unidade. São matérias como questão fundiária, movimentos culturais, influência da cultura nordestina, desemprego no bairro...sempre sob a perspectiva de integrar a Maré de um extremo a outro do bairro - do conjunto Esperança até Marcílio Dias. Em geral, a matéria principal ocupa 2 ou 3 páginas e procura-se fazer com que a história seja contada a partir do depoimento dos moradores. São narrativas pessoais que retratam a história de milhares de moradores que se identificam com a situação. Cita-se como exemplo a abertura da matéria sobre o desemprego no bairro.

*"Às 4 horas da manhã, Josefa Conceição de Oliveira acorda e não consegue mais dormir. Moradora da Baixa do sapateiro, 51 anos, ela tem a cabeça tomada de preocupações. O mês está no fim e não faltam contas*

*para pagar: aluguel, luz, água. Um pensamento fixo se repete: "tenho que vender, tenho que vender". A idéia lembra a incerteza de faturamento de sua barracquinha de amendoim e cerveja, instalada sob uma passarela na Avenida Brasil. Ela trabalhou 21 anos com carteira assinada como empregada doméstica. A patroa passou por necessidades financeiras e foi para outro Estado. Josefa ficou. Hoje, há 5 anos sem conseguir ocupação no mercado de trabalho informal, ela faz parte de um time que não tem nada do que se vangloriar: Os desempregados na Maré.*

*- Quando eu fiquei desempregada, tentei um ano inteiro arranjar emprego de faxineira em casas e firmas, mas sempre me diziam que preferiam pessoas mais jovens. Depois de dois anos, juntei um dinheiro e comprei a barracquinha para trabalhar como camelô. O faturamento é incerto. Num dia bom dá 10 reais. Em outros dias consigo 5, 3. Meu sonho era um trabalho fixo e uma casa própria. Eu tenho medo de as coisas piorarem e eu acabar morando debaixo da ponte - desabafa Josefa, que trabalha 7 dias da semana, das 10 horas às 22 horas, e ajuda a filha, também desempregada.<sup>12</sup>*

Assuntos como educação, saúde e esportes ligados à comunidade tem espaço cativo no jornal. Toda edição, por exemplo, apresenta uma matéria sobre alguma das 15 escolas públicas do bairro. São lembradas histórias sobre a escola, dificuldades de funcionamento, depoimentos de pais e alunos e mesmo o resgate de figuras notáveis que já fizeram parte da vida escolar da Maré. Pouca gente sabe mas a escritora Cecília Meireles já foi diretora da Escola Bahia, situada na Baixa do Sapateiro, ao lado da Avenida Brasil. E o campeão sul-americano Robson Caetano também já estudou na Maré.

Os esportes locais são outra atração no jornal. São notícias os campeonatos de futebol da Vila do Pinheiro, da Nova Holanda, da Praia de Ramos, a reforma do campo da Vila do João, as atividades da Vila Olímpica da Maré, as façanhas do time de futebol feminino. São divulgados tabelas dos torneios, depoimentos dos atletas, fotos dos times, como o Flamenguinho e o Flexa. Além de dar um caráter mais informal ao jornal, as matérias sobre esportes ajudam na aproximação do morador com O Cidadão.

Divulgar as atividades dos grupos que desenvolvem trabalhos sociais na Maré é outra preocupação do jornal. Em cada edição grupos como o Consciência Masculina são postos em destaque. Formado apenas por homens - maioria moradores, o Consciência Masculina se reúne no Posto de Saúde da Praia de Ramos para discutir temas ligados ao cotidiano masculino na sociedade e na Maré. O grupo foi recentemente visitado pelo diretor da Fundação Mac Arthur,

entidade internacional que financia grupo de estudos de homens. Ele fez questão de conhecer o grupo na Maré. Tudo foi divulgado no jornal.

O perfil é outro quadro que tem lugar cativo em O Cidadão. Como não poderia deixar de ser, a personalidade é sempre vinculada ao bairro: Dona Maria - a rezadeira, Paulo Bento - o professor de Matemática, Edmilson - o músico cego, Zé careca - o presidente de associação. É outro espaço importante que O Cidadão usa para valorizar o morador local, sua história e identidade, contar seus problemas e opiniões.

A última página do jornal guarda uma das maiores singularidades de O Cidadão: Uma seção dedicada à História da Maré. O texto é baseado em pesquisa feita por dois moradores sobre a história do bairro e região, desde 1500 até os dias atuais. Em cada edição, seguindo uma ordem cronológica, uma parte da história é apresentada. O objetivo é mostrar ao morador, como o bairro sofreu grandes transformações ao longo dos séculos. Pode-se pensar quantas comunidades tem sua história resgatada das sombras do passado, como no trecho que descreve a região da Maré nos anos de 1500.

*"Na época da chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500, a área hoje ocupada pela Maré era um recanto da baía de Guanabara formada por praias, ilhas(...) A região além de Manguezais, tinha pau-brasil, árvore cuja madeira durante muitos anos foi explorada pelos portugueses. Os índios, primeiros habitantes do lugar chegaram na região a cerca de 8 mil anos. Vieram atraídos pelos recursos da Baía da Guanabara, como a fartura d peixe.<sup>13</sup>*

O quadro História da Maré é geralmente acompanhado de mapas e gravuras mostrando como era a região no passado. Fotografias atuais e antigas - algumas datando do início do século - também são usadas para associar pontos geográficos passados com o espaço físico atual. Um exemplo é a sede da Igreja Universal na subida do Morro do Timbau, localizada hoje onde ficava o antigo Porto de Inhaúma, importante centro do comércio colonial.

Pretende-se também aproveitar a característica didática do jornal para envolver as escolas da região na participação do jornal. Tanto na entrega de determinado número de exemplares nas escolas, como também sugerindo concursos de redações e poesias para serem publicados no jornal, assim como desenhos e charges. As escolas da Maré já usam reportagens do Cidadão como matéria de prova e trabalhos de pesquisa.

O jornal se sustenta com o apoio da Editora Ediouro - cuja sede fica na Maré - responsável pela impressão gratuita do 10 mil exemplares; e da Petrobrás - que permite o

pagamento de bolsas para uma parte da equipe. A publicidade é outro importante elemento do jornal. Não só pelo aspecto financeiro, mas também por trazer para O Cidadão a presença de um importante componente da vida na região: o comércio local. São anúncios como FN Funerais - na Bento Ribeiro Dantas, Inglês Básico - na Nova Holanda, Creche-Escola Mimi - em Rubens Vaz, Pensão do Roberto - especializada em comidas como sarapatel e rabada. Até mesmo a presença da publicidade local ajuda na identificação do jornal com o espaço e cotidiano da Maré. Para cumprir essa função de captação de anúncios, o jornal conta hoje com a presença de um núcleo comercial em sua estrutura organizativa.

A questão financeira e administrativa é geralmente considerada o calcanhar da Aquiles dos veículos de comunicação comunitária, seja rádio ou jornal impresso. No caso de O Cidadão, o jornal já nasce dentro de uma proposta política de atuação comunitária, tendo por trás uma organização já consolidada e legitimada pela comunidade como o CEASM. Através do peso institucional da entidade e seu reconhecimento por parte do poder público e empresas privadas fica muito mais fácil conseguir recursos financeiros para o sustento do jornal.

O Cidadão é distribuído gratuitamente nas 16 comunidades da Maré. O jornal conta com uma equipe de distribuição que percorre o bairro de carro e disponibilizando os jornais em pontos estratégicos das comunidades, como associações de moradores e pontos do comércio. No entanto, percebeu-se que seria importante multiplicar o máximo a recepção do jornal por parte da população. Afinal, são atualmente 10 mil exemplares para aproximadamente 130 mil habitantes. Cada mês são escolhidas ruas das comunidades onde os jornais são distribuídos de casa em casa.

As reuniões de pauta de O Cidadão são feitas mensalmente entre os integrantes da equipe. São decididas a matéria principal, além dos blocos fixos e outras matérias. Sugestões de pautas dos moradores colhidas no processo de apuração das matérias da edição anterior são também passadas na reunião. Como as discussões de pauta envolvem moradores de diferentes comunidades do bairro, tem-se uma agenda variada de assuntos a serem abordados em cada edição. No entanto, busca-se formas de atrair a comunidade para a participação na pauta do jornal, como associações de moradores, comerciantes, estudantes e principalmente o morador comum.

E é esse um dos grandes desafios do jornal O Cidadão: reeducar a população da Maré para a perspectiva de uma comunicação horizontal e participativa, em que o morador seja agente dos diferentes processos de elaboração da informação. É uma missão difícil. Principalmente, levando

em conta que 20 anos de ditadura política e a estrutura verticalizada da mídia - que exclui o homem comum da produção da informação, condicionaram o pobre cidadão comum a uma postura não crítica e muito menos participativa no processo de comunicação.

A iniciativa na construção de um sistema de mídia local com o objetivo de criar formas alternativas de discursos e narrativas baseadas na voz local em oposição ao discurso hegemônico do poder instituído se alinha com o pensamento de diversos estudiosos da atualidade. Lembra, por exemplo, a afirmação de Mike Featherstone, em seu texto *Localismo, Globalismo e Identidade Cultural*<sup>14</sup> sobre perda de confiança nas grandes narrativas universais da modernidade ocidental e da popularização de formas de conhecimento e produção cultural, antes monopolizadas por grupos estabelecidos no poder. Featherstone cita o conceito de *Fim da História* do filósofo italiano Giacomo Vattimo, isto é, o fim do fluxo único de um modelo narrativo da História controlado por um poder hegemônico central. Na visão de Vattimo, esse discurso único seria fragmentado em uma gama de versões locais.

Observar a riqueza de possibilidades de um jornal comunitário como o Cidadão, faz perguntar: qual a fonte de onde emana a riqueza de matizes que dá vida ao jornal? A resposta é encontrada na própria diversidade cultural da Maré. Na história de luta dos moradores contra o descaso do poder público e mesmo contra a natureza - como no caso das palafitas. Na identidade cultural do nordestino, do negro, do homem do campo que ajudaram a construir o bairro. Na sabedoria acumulada no dia-a-dia difícil dos excluídos da nova e velha ordem mundial capitalista. Nas diferentes instâncias políticas, culturais e econômicas locais que formam a Maré.

Eis, talvez, a mais nobre missão do jornal O Cidadão e da própria Rede de Comunicação do CEASM: tirar o cidadão comum do anonimato imposto pela mídia nestes tempos de globalização e transformá-lo em personagem de uma nova criação narrativa contada a partir da perspectiva e referência local. E essa é também uma boa definição para o trabalho do CEASM: criação de uma nova versão sobre a Maré. Fazer com que os moradores acreditem nela. Torná-la mais forte que a versão que vem de fora. Projetá-la para o resto da sociedade como uma história possível de ser verdadeira, como alternativa viável de projeto político na conturbada era da globalização. Pode-se mesmo arriscar em dizer que o espírito que anima a proposta comunitária do CEASM se encaixa com harmonia nas palavras do professor Paulo Freire.

*"A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens*

*transformam o mundo. Existir, humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo.*"<sup>15</sup>

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Giddens, A . “Admirável mundo novo: o novo contexto da política”, in Reinventando a Esquerda, 1997

<sup>2</sup> Folha de São Paulo, 16 / 09/ 1999

<sup>3</sup> Diário Catarinense, 15/ 07/ 2000

<sup>4</sup> Dowbor, L. “Da globalização ao poder local”, in Revista Tempo Brasileiro, out-dez, 1999.

<sup>5</sup> Dowbor, L. 1994, p.25

<sup>6</sup> Paiva, R. “Comunidade Gerativa”, 2000

<sup>7</sup> Silva, J., "Por que uns e não outros: caminhada de estudantes da Maré para a Universidade", 1999

<sup>8</sup> Paiva, R., 1998, p.157

<sup>9</sup> Id, Ibid, p.160

<sup>10</sup> Peruzzo, C., 1998

<sup>11</sup> Paiva, R., 1998, p.155

<sup>12</sup> O Cidadão, Nº4 - novembro, 1999

<sup>13</sup> O Cidadão, Nº 1 - agosto, 1999

<sup>14</sup> Featherstone, M., "Localismo, Globalismo e Identidade Cultural". In Revista Globalismo e Fragmentação. Janeiro-Junho, 1996

<sup>15</sup> Freire, P., 1970, p. 78

## BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmund. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1998
- DOWBOR, Ladislau. **O poder Local**. Rio de Janeiro, Brasiliense, 1994, Coleção Primeiros Passos, 35pg
- . Da globalização ao Poder Local, in **Revista Tempo Brasileiro** 139, out-dez, 1999
- FEATHERSTONE, Mike. Localismo, Globalismo e Identidade Cultural. **Revista Globalismo e Fragmentação** (Sociedade e Estado vol XI - N 1). Janeiro-Junho, 1996
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1970. 184 pag.
- GENRO, Tarso. **Uma nova cultura de solidariedade**. Folha de São Paulo, 12/01/97, Caderno Mais
- MILIBAND, David. **Reinventando a Esquerda**. São Paulo. Ed. Unesp, 1997
- MOTTA, Luis Gonzaga. Planificación de la comunicación en **Proyectos Participativos. Manuales Didático** pop. Quito, Ciespal, 1984. 165pg.
- PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum - Comunidade, Mídia e Globalismo**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1998. 205 pg.
- . **Comunidade Gerativa**, 2000, 19 pág.
- PERUZZO, Cicília . **Comunicação nos movimentos populares**. Petrópolis, Ed.Vozes, 1998. 342 pg
- RORTY, Richard, **Contingência, Ironia e Solidariedade**. 1989
- SILVA, Jaílson de Souza - "**Porque uns e não outros? - Caminhada de estudantes da Maré para a Universidade**", Tese de doutorado, PUC/RJ, 1999, Rio de Janeiro.

SOUZA, Márcio Vieira. **As vozes do silêncio: o movimento pela democratização da comunicação no Brasil**. Paris : Foundation pour le progrès de l'homme; Florianópolis : Diálogo, 1996. 210pg

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos**. Petrópolis. Ed.Vozes

VAZ, Lilian Fessler. **História dos bairros da Maré: Espaço, tempo e vida cotidiana no Complexo da Maré**. Rio de Janeiro, 1994, UFRJ

VIEIRA, Antônio Carlos, VIEIRA, Marcelo. **História da Maré e da região de Manguinhos - 1500 a 1998**, 1998

VIRILIO, Paul. **Espaço Crítico**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira,1993. 121pg.